

**DISCIPLINA: A COLONIALIDADE DO SABER URBANO**

**Professores:** Flavia Vieira (PPGCS/UFRRJ), Fabrina Furtado (DDAS/UFRRJ), Agustin Lao-Montes (UMassAmherst), Carlos Vainer, Giselle Tanaka, Regis Coli, Renato Emerson, Pedro Novais (IPPUR/UFRJ), Sonia Giacomini (PPGCIS/PUC-Rio), Javier Ghibaudi (PPGE/UFF), Fernanda Sanchéz (PPGAU/UFF), Simone Polli (PPGPGP/UTFPR).

**Período:** 2020-1

**Créditos:** 45

**Horário:** 6as feiras, de 9:00 às 12:00 h

Esta disciplina será oferecida em cooperação por vários programas de pós-graduação. Os estudantes poderão se matricular em seus programas com os códigos e nomes específicos da disciplina em cada universidade. No PPGCS/UFRRJ a disciplina será inscrita como DISCURSOS DA CONTEMPORANEIDADE. Estudantes de pós-graduação externos a estes programas poderão escolher em que programa se matricular. Os trabalhos finais da disciplina serão avaliados pelos professores do programa no qual o estudante se inscreveu.

O local dos encontros é o CEA/UFRRJ: Av. Presidente Vargas, 417, 13º andar, Centro - Rio de Janeiro (possivelmente as primeiras aulas ocorrerão no CPDA/UFRRJ, no 6º andar do mesmo prédio, mas os inscritos serão avisados com antecedência).

Para os que não puderem estar presencialmente, as aulas serão transmitidas via internet (videoconferência e/ou Skype).

**APRESENTAÇÃO**

Esta disciplina dá continuidade a duas outras ministradas em 2016 e 2018, por docentes da UFRRJ, UFRJ, PUC e UFF, sobre a temática da decolonialidade do poder e do saber. Foram experiências muito férteis de discussão e estudo, tanto para docentes, quanto para discentes. Os professores registravam a disciplina (optativa) em seus programas de pós e os alunos se inscreviam em seus programas. As aulas eram, contudo, realizadas juntas no CBAE da UFRJ e transmitidas por videoconferência pra os estudantes que não pudessem ir ao RJ. O sucesso das duas experiências anteriores mostrou que este é um meio de reunirmos mais pessoas - professores e estudantes - para aproveitar seminários de pesquisa bastante intensos.

Em 2020-1 realizaremos nova disciplina com este formato, aproveitando a visita de Agustin Lao-Montes, professor da University of Massachussets at Amherst, com larga e valiosa contribuição ao pensamento decolonial. Ele estará no Rio de Janeiro para seu período sabático, de fevereiro a julho, atuando junto ao IPPUR/UFRJ e irá liderar a disciplina com colegas de vários PPGs do Rio de Janeiro.

A disciplina oferecerá também uma oportunidade para estarmos em um seminário de alto nível, discutindo semanalmente temas de grande relevância para a construção de um pensamento crítico decolonial nas ciências humanas e sociais.

**EMENTA**

Desde que as Américas ingressaram na História com H maiúsculo, isto é, na História Ocidental, nossas cidades e territórios passaram a ser concebidos, projetados, desenhados e construídos segundo moldes importados. Os poderes coloniais construíram (suas) cidades e territórios, seja instaurando novos espaços, seja subjugando e subalternizando os espaços pré-coloniais. Não bastava conquistar o “novo” continente, era necessário territorializar (e urbanizar) a colônia, isto é, territorializar a relação colonial.

As cidades europeias e, mais tarde, dos Estados Unidos da América, afirmam-se como modelos universais de urbanização e territorialização, polos exportadores de concepções, conceitos, planos e práticas de produção e uso dos espaços. Os consultores internacionais dos séculos XX e XXI são os herdeiros e continuadores das missões do século XIX e dos colonizadores dos séculos XVI a XVIII. Agora sob a bandeira do consenso neoliberal, estamos na era do planejamento estratégico, da cidade (região) corporativa e competitiva, dos grandes projetos (urbanos ou de desenvolvimento regional) e das parcerias público-privadas, da privatização dos serviços públicos, dos waterfronts, dos megaeventos, das “revitalizações urbanas”. A colonialidade, mais que o colonialismo propriamente dito, está fundada não apenas na conquista e controle dos territórios, mas na colonização do imaginário. É o imaginário urbano que configura, hoje, a colonialidade do pensamento urbano, do urbanismo e do planejamento urbano.

A disciplina tem por objetivo buscar na rica literatura sobre a colonialidade do saber e do poder elementos teóricos, conceituais e históricos que fundamentem a crítica do pensamento e das políticas urbanas/territoriais dominantes. Trata-se, também, com base nessa crítica, de pensar as condições de descolonização do pensamento social, explorando as possibilidades de imaginar novas cidades e territórios emancipados e emancipatórios na e a partir das cidades, da crítica teórica e das lutas que se desenvolvem nas cidades dos países periféricos e dependentes.

Para tanto, os diferentes saberes, disciplinas acadêmicas e áreas temáticas que se debruçam sobre o tema das cidades e dos territórios modernos serão passados em revista. As sessões trarão a multiplicidade das áreas de atuação dos docentes e programas de pós-graduação envolvidos.

**PROGRAMA**

1ª sessão (6ª feira, 6/03/2020): Perspectiva Decolonial: uma ruptura epistemológica?

Apresentação do curso + Palestra inicial do Prof. Agustin Lao-Montes

**Leituras obrigatórias**

Lao-Montes, Agustín; Vásquez, Jorge Daniel. Crítica decolonial de la filosofia y doble crítica em clave de Sur. In: Moranda, Mabel (ed.). Sujeto, Decolonización, Transmodernidad. Debates filosóficos latino-americanos. Madrid, Iberoamericana Editorial Vervuert, 2018, pp. 293-343.

Lao-Montes, Agustin. For an Analytics of the Coloniality of Power; s.l., s.d., mimeo.

Maldonado-Torres, Nelso. Outline of Ten Thesis on Coloniality and  
Decoloniality. Fondation Franz Fanon (<https://fondation-frantzfanon.com/outline-of-ten-theses-on-coloniality-and-decoloniality/>)

2ª sessão (6ª feira, 13/03/2020): A colonialidade do saber urbano. Colocando o problema geral: é possível um pensamento urbano periférico

A cidade e a questão urbana periféricas construídas a partir da perspectiva dos países centrais, isto é, a partir da “modernização”, foram e continuam sendo dominadas pela colonialidade do saber urbano. Os modelos e prática se difundem *urbi et orbi*, promovendo a “cidade global” e cidades à sua imagem. O que seria a crítica ou perspectiva decolonial da cidade contemporânea? É possível conceber a urbanidade e o urbanismo de outra maneira? Seria possível uma teoria decolonial do urbano e/ou uma teoria decolonial do urbanismo e/ou do planejamento urbano? Existiria **um** “urbanismo do Sul” ou um “urbanismo periférico”? Quais seriam os ponto de partida?

**Leituras obrigatórias**

Vainer, Carlos. Disseminating `Best Practices`: the coloniality of urban knowledge and citu models”. In Parnell, S.; Oldfield, S. The Routledge Handbook on Cities of the Global South. New York, 2014, pp. 48-56

Vainer, Carlos. Some Notes and Eight Propositions on the Coloniality and Decoloniaity of Ur ban Tought and Urban Planning (Paper presented at the seminar "TheoriSE – Southeastern Approaches to Study the Urban". London, November, 10th, 2019)

Ortiz, Catalina. Cardinal Subordination (Paper presented at the seminar "TheoriSE – Southeastern Approaches to Study the Urban". London, November, 10th, 2019)

Roy, Ananya. Who´s Afraid of Postcolonial Theory?. In International Journal of Urban and Regional Research, 2016, vol. 40, issue 1, 200-209

Watson, Vanessa. Seeing from the South: Refocusing Urban Planning on the Globe´s Central Urban Issues. In Urban Studies, October 2009, 46(11), pp. 2259–2275 (<https://www.researchgate.net/publication/248974362_Seeing_from_the_South_Refocusing_Urban_Planning_on_the_Globe's_Central_Urban_Issues>)

Cassián-Yde, Nizaiá (2019) "Descolonizar las epistemologías urbanas: Saber experto y colectivos por el derecho a la ciudad, ¿quién puede decir "la verdad" sobre los problemas de la ciudad?," Journal of Latin American Geography 18(3): 54-84.

3ª sessão (6ª feira, 20/03/2020): Colonialidade e Questão Étnico-Racial: Implicações para a questão urbana

Nessa sessão se estudará e debaterá um dos temas centrais da perspcetiva decolonial: a questão racial, fundamental para analisar as formações geo-historicas, formas politicas e categoria chaves da modernidade-colonialidade. Um objetivo e desafio creativo da sessão será analisar as implicações para a teorização e invetigação da questão urbana.

**Leituras obrigatórias**

Lao-Montes, Agustin. “Para una Analitica de Formaciones Etnico-Raciales, Regimenes Racistas, & Politicas Raciales. In: Contrapunteos Diasporicos. Cartografias Politicas de Nuestra  
Afroamerica. Editorial Universidad del Externado: Bogota, Colombia, cap. 2, pp.

Lao-Montes, Agustin. Metrópolis Negras de Benin a Río de Janeiro y de Harlem a La Habana: Modernidades Afroamericanas y Cosmopolitismos Subalternos. (Conferencia Magistral, Casa de las Americas, La Habana, Cuba, Junio 2019).

4ª sessão (6ª feira, 27/03/2020): A colonialidade e o pensamento sobre a questão racial na América Latina

A questão racial pensada a partir das formulações de diáspora negra. As diferentes abordagens da diáspora negra, suas matrizes e desdobramentos.

**Leituras obrigatórias**

Hall, Stuart. Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2006. Capítulo: Pensando a diáspora. pp. 25-49.

Gilroy, Paul. O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência. Rio de Janeiro: 34/Universidade Cândido Mendes, 2002.  Capítulos: 1o. “O Atlantico Negro como contracultura da modernidade” (pag. 33-100) e 2o. “Senhores, senhoras, escravos”, pp.101-155.

**Leituras recomendadas**

Lao-Montes, Agustin. “Hilos descoloniales. Trans-localizando los espacios de la diáspora africana”. In: Tábula Rasa. Bogotá-Colombia, nº7:47-79, julio-didciembre 2007,pp. 47-79. < 32p.>

Du Bois, William Edward B. As almas da gente negra. Rio de Janeiro, Lacerda Ed., 1999. <A dupla consciência> .

5ª sessão (6ª feira, 03/04/2020): Lugar, Território e Espaço em Chave Decolonial

Nessa sessão exploraremos a perspectiva decolonial da temática do lugar, territorio e espaço. Isso será feito a partir de reflexões sobre lugar, território e desenho. Também será feita uma revisão do corpus acadêmico sobre “gentrificação”, enfocando especialmente as analíticas pós-coloniais e decoloniais.

**Leituras obrigatórias**

Escobar, Arturo. Una Minga para el posdesarrollo. Lugar, medio ambiente y movimientos sociales en las transformaciones globales. [lecturas selectas]. Universidad Mayor de San Marcos: Lima, Peru.

Escobar, Arturo. Territorio. In: Escobar, Arturo. Territorios de Diferencia.

Escobar, Arturo. Diseños para el Pluriverso. [lecturas selectas]

Peter Kent-Stoll. The Racial and Colonial Dimensions of Gentrificacion (Work-In Progress)

6ª sessão (6ª feira, 17/04/2020): A Colonialidade do Pensamento Geográfico

Historicamente a Geografia, enquanto saber prático e ferramenta de construção e controle de visões de mundo, foi uma disciplina a serviço das forças hegemônicas (em diferentes escalas) nos projetos de modernidade/colonialidade. A partir de um olhar sobre a formação da Geografia Brasileira, propõe-se uma crítica decolonial,  buscando compreender como sujeitos epistêmicos outros (negros, indígenas, grupos agora chamados de “tradicionais”, entre outros) são subalternizados, destituídos de possibilidade de participação e reconhecimento enquanto protagonistas em processos de transformação que caracterizam um “branqueamento do território”.

**Leituras obrigatórias**

Cruz, Valter do Carmo. Geografia e pensamento descolonial: notas sobre um diálogo necessário para a renovação do pensamento crítico. In: Cruz & Oliveira, D. A. (Orgs.). Geografia e giro decolonial: experiências, ideias e horizontes de renovação do pensamento. Rio de Janeiro : Letra Capital, 2017.

Deffontaines, Pierre. Geografia Humana do Brasil. Rio de Janeiro, 1940.

Deffontaines, Pierre. Ensaios de divisões regionais e estudo de uma civilização pioneira: O Estado do Espírito Santo. In: *Boletim Geográfico ,*Ano 2 (19), outubro, 1944.

**Leituras recomendadas**

Monbeig, Pierre.  Pioneiros e fazendeiros de São Paulo. Tradução Ary França e Raul de Andrade e Silva. São Paulo: Hucitec/Polis, 1984.

Massey, Doreen. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. In: *Geogra­phia.*Niterói-RJ: Ano VI, n. 12, 2004.

7ª sessão (6ª feira, 17/04/2020 – 13 às 16 h): Colonialidade e meio ambiente na América Latina: da natureza colonizada às lutas em defesa do território-corpo-terra

O objetivo dessa sessão é analisar a construção social da noção de natureza e da relação sociedade e natureza nas ciências sociais, considerando as marcas estruturais das sociedades latino-americanas, em particular a situação persistente de colonialidade, a exploração e expropriação de territórios, povos e saberes, e os enfrentamentos de grupos sociais portadores de práticas espaciais, e portanto sociais, não mercantis, que operam suas interações com processos biofísicos. Trabalharemos conceitos como natureza colonizada, modernização ecológica, justiça e racismo ambiental, antropoceno, além de debater o ambiente da crítica a partir de teorias decoloniais como a noção de território-corpo-terra. Partiremos da perspectiva de que há uma colonialidade na apropriação da natureza, tanto na forma de construir a noção e de, portanto, explorar o meio ambiente, como na expropriação de territórios.

***Leituras obrigatórias***

ACOSTA, Alberto. O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Lietrária, Elefante, 2017. Capítulo 2. O Bem Viver, uma proposta global; e capítulo 6. O Bem Viver e os Direitos da Natureza.

ACSELRAD, Henri. O Ambiente da Crítica e a Crítica do Ambiente. Antropolítica, n. 36, 2014.

ALIMONDA, Héctor. La colonialidad de la naturaleza. In. ALIMONDA, Héctor. La naturaleza colonizada. Ed. Ciccus, 2011. p. 11-20.

CABNAL, Lorena. Feminismo diversos*:* El Feminismo Comunitario*.* ACSUR: Las segovias, 2010. Disponível em: <http://www.calameo.com/books/002488953253b6850c481>.

ESCOBAR, Arturo. Epistemologias de la naturaleza y colonialidad de la naturaleza. In:MARTÍNEZ, Leonardo M. (Ed.). Cultura y naturaleza. Bogotá, Jardín Botánico de Bogotá, 2011. mp. 49-74.

***Leituras recomendadas***

ESCOBAR, Arturo. Territorios de diferencia: lugar, movimientos, vida, redes. Popayán Envión Editores, 2010.

HARDIN, Garret. The Tragedy of Commons. **Science**, v. 162, 1968, p. 1243-1248

LENOBLE, Robert. **História da idéia de natureza.** Lisboa: Edições 70, 1990.

LEROY, Jean Pierre. **Mercado ou Bens Comuns**: o papel dos povos indígenas, comunidades tradicionais e setores do campesinato diante da crise ambiental. Rio de Janeiro: FASE, 2016.

PAREDES, Julieta. **Hilando Fino**: desde el feminismo comunitario. La Paz: Comunidad Mujeres Creando Comunidad, 2008.

SAHLINS, Marshall. **A Primeira Sociedade de Afluência**. In Carvalho, E. A. (org.) Antropologia Econômica. SP: Livraria Ciências Humanas, pp. 7-44, 1974.

8ª (6ª feira, 08/05/2020): Movimentos Sociais Urbanos em Chave Decolonial

Esta sessão buscará explorar as perspectivas decoloniais sobre movimentos sociais. A partir da critica às teorias convencionais sobre movimentos sociaiis, as discussões terão como propósito elaborar uma analítica dos movimentos sociais urbanos.

**Leituras obrigatórias**

Florez, Juliana. Lecturas Emergentes. El giro decolonial en los movimientos sociales. Vol. 1. Universidad Jaberiana: Bogota, Colombia.

Arturo Escobar. Una Minga para el posdesarrollo. Lugar, medio ambiente y movimientos sociales en las transformaciones globales. [lecturas selectas]

Agustin Lao-Montes. “Cartografías del Campo Político Afrodescendiente em Nuestra América”. In: Lao-Montes, Agustin. Contrapunteos Diaspóricos. Cartografías Politicas de Nuestra Afroamérica. Editorial Universidad del Externado: Bogota, Colombia, cap. 6, pp.

9ª sessão (6ª feira, 15/05/2020): A colonialidade do pensamento sociológico

A sociologia integra, a partir do século XIX, o empreendimento moderno de uniformização capitalista da vida. Ao longo do século XX, o projeto inicial de ordenamento da vida, a partir de uma “ciência do social”, acabou por se diluir em muitos paradigmas analíticos, sem que uma autocrítica radical sobre métodos e lugares de enunciação desta disciplina tenha sido feita. Particularmente, chama a atenção que a sociologia produzida no centro seja denominada “teoria” e aquela produzida em sociedades periféricas seja classificada como “pensamento social”. Esta sessão irá discutir, desde autores periféricos, possibilidades, limites e desafios de movimentos emergentes na sociologia.

**Leituras obrigatórias**

Alatas, Syed Farid. Academic Dependency and the Global Division of Labour in the Social Science. Current Sociology, 51 (6): 599-613, 2003.

Casanova, P. G. Colonialismo interno (uma redefinição). BORON, AA; AMADEO, J.; GONZÁLEZ (Org.). A teoria marxista hoje: problemas e perspectivas. Buenos Aires: CLACSO, p.395-420, 2006.

Connel, Raewyn. A iminente revolução na teoria social. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 27, n. 80, p. 09-20, 2012.

Mignolo, Walter. Spirit out of bounds return to the East: the closing of the social sciences and the opening of independent thoughts. Current Sociology, 62 (4): 584-602, 2014.

Patel, Sujata. Afterword: doing global sociology, issues problems and challenges. Current Sociology, 62 (4): 603-613, 2014.

Rosa, Marcelo. Sociologias do Sul: Ensaio bibliográfico sobre limites e perspectivas de um campo emergente. Civitas, Porto Alegre, v. 14 n. 1, p. 43-65, 2014.

**Leituras recomendadas**

Adesina, J. Sociology and Yorùbá Studies: epistemic intervention or doing sociology in the ‘vernacular’? African Sociological Review, 6 (1), 2002.

Alatas, S. F. Intellectual imperialism. Definitions, traits and problems. Southeast Asian Journal of Social Sciences, 28 (1): 23-45, 2000.

Butler, K. (Re)presenting indigeneity: The possibilities of Australian sociology. Journal of Sociology, 42: 369-381, 2006.

Comaroff, J., & Comaroff, J. L. Theory from the South: Or, how Euro-America is Evolving Toward Africa. Anthropological Forum, 22(2): 113–131, 2012.

Connel, R. Southern Theory: The Global Dynamics of Knowledge in Social Science. Cambridge: Polity, 2007. (Introdução)

Sitas, Ari. Rethinking Africa’s sociological Project. Current Sociology, 62 (4): 457-471, 2014.

10ª sessão (6ª feira, 22/05/2020): A colonialidade do pensamento arquitetônico/urbanístico

A continuidade das formas coloniais de dominação, manifesta-se no pensamento arquitetônico-urbanismo pela criação e circulação de produtos culturais relacionados às representações de cidade e intervenções sobre o ambiente construído. Formas culturais desenraizadas, resultantes da universalização de categorias de percepção, julgamento e ação próprias do centro, afirmam estruturas e legitimam relações de dominação. Discutem-se três manifestações de renovação da colonialidade no urbanismo no Brasil: a Reforma Pereira Passos, a criação de Brasília e a renovação do urbanismo no Rio de Janeiro a partir de 1993.

**Leituras obrigatórias**

Jajamovich, Guillermo. Miradas sobre intercambios internacionales y circulación internacional de ideas y modelos urbanos. Andamios, México , v. 10, n. 22, p. 91-111, agosto 2013.

Sánchez F. A reinvenção das cidades para um mercado mundial. Front Cover. Fernanda Sánchez. Argos, Editora Universitária, 2003.

**Leituras recomendadas**

Benchimol, J. L.. Pereira Passos; um Haussmann tropical. A renovação urbana do Rio de Janeiro no início do século XX. 1º. ed. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportees. Biblioteca Carioca, v. 11, 1990.

Durand, J. C. Negociação política e renovação arquitetônica: Le Corbusier no Brasil. RBCS, nº 16 ano 6, 1991.

King, A, D, Spaces of global cultures: architecture, urbanism, identity/ Anthony Douglas King. London, Routledge, 2004 (cap. 4).

Patel S. A Decolonial Lens on Cities and Urbanisms: Reflections on the System of Petty Production in India. Asia Research Institute Working Paper Series Nº 245.

11ª sessão (6ª feira, 29/05/2020): A Colonialidade do Pensamento Econômico

A Economia Política nasce nos marcos do paradigma eurocêntrico das ciências sociais. A ideia de uma evolução que chega a seu estágio superior com a Europa aparece na ideia central do Mercado, entendido como o conjunto de relações sociais no qual a procura do interesse individual levaria ao maior bem-estar social. Esta sessão irá discutir a colonialidade do saber na ciência econômica através de duas perspectivas. De um lado, através de uma apropriação do debate sobre eurocentrismo/economicismo da Economia Política, a partir de três autores críticos de origens e escolas diferentes: Polanyi, Wood e Lander. De outro lado, através da leitura das tentativas de ruptura com o eurocentrismo/economicismo em dois autores latino-americanos do século XX: Mariategui e Prebisch.

**Leituras obrigatórias**

Lander, E. Marxismo, eurocentrismo e colonialismo. In: A teoria marxista hoje. Problemas e perspectivas. Buenos Aires: CLACSO, 2007.

Mariategui, J. C. O Problema do Índio. In: Os sete ensaios de interpretação da realidade peruana, 1928.

Polanyi, K. A falácia economicista. In: A subsistência do homem e ensaios correlatos. RJ: Contraponto, 2012.

Prebisch, R. Manifesto latino-americano, 1949. (Seções I a IV, p 1-15)

Wood, E. A separação entre o “econômico” e o “político” no capitalismo. In: Democracia contra o capitalismo. SP: Boitempo, 2011.

**Leituras recomendadas**

García Linera, A. “¿Es el Manifiesto comunista un arcaísmo político, un recuerdo literario? Cuatro tesis sobre su actualidad histórica” (1999). In: La Potencia Plebeya: acción colectiva e identidades indígenas, obreras y populares en Bolivia. Bogotá: Siglo del Hombre Editores y Clacso, 2009.

Graeber, D. Debt: The first 5.000 years. Melville House Publishing, 2011. (Cap. 1 e 2. versión en español y portugués disponible)

Marx, K. Introdução à Crítica da Economia Política (1852).

Marx, K. O Capital: crítica à Economia Política.

Oliveira, F. D. Crítica à razão dualista / O ornitorrinco. São Paulo: Boitempo, 2003 [1973]. Caps. 1 e 2.

Polanyi, K. Os dois significados de econômico, Nossa obsoleta mentalidade de mercado. In: A subsistência do homem e ensaios correlatos. RJ: Contraponto, 2012.

Smith, A. A origem e natureza da Riqueza das Nações.

12ª sessão (05/06/2020): O Pensamento Cepalino, as Teorias da Dependência e a Questão Urbana Latino-americana

Em 1959 a CEPAL organizou um  seminário sobre urbanização, cujos informes foram sistematizados por Hauser (1961). Em 1968, no seu boletim econômico, voltou ao tema, atualizando seu quadro conceitual geral e identificando os problemas da investigação sobre o urbano no continente. No mesmo ano, Quijano publica o texto-base para o entendimento da urbanização na chave teórica da dependência, sendo criticado por Singer (1973). Importante notar que Castells (1973) propõe o conceito de urbanização dependente, que em Quijano (1968) aparece somente como vocábulo. A sessão pretende examinar os avanços e limites destes esforços de pensar as especificidades da urbanização e questão urbana latino-americanas.

**Leituras obrigatórias**

Becerril-Pardua, Martin. Contribuciones de la CEPAL en los estudios del fenómeno urbano-metropolitano, 1950-1990 in: Revista de Estudios Regionales Nº 70 (2004), PP. 149-172 (2004)

Castells, Manuel**.** La Urbanizacion Dependiente de America Latina in:Imperialismo y urbanización en America Latina**.** Barcelona: Gustavo Gili, 1973

Quijano, Anibal. “Dependencia, cambio social y urbanización em Latinoamérica. Buenos Aires: CLACSO. In Quijano, Anibal. Cuestiones y Horizontes: de la dependência histórico-estrutural a la colonialidad/descolonialidad del saber. Buenos Aires, CLACSO, 2014 (1968), pp. 75-124.

Singer, Paul. Urbanização, Dependência e Marginalidade na América Latina in: Economia política da urbanização. São Paulo: Brasiliense, 1973, pp. 63-90.

**Leituras recomendadas**

ONU/CEPAL. “Informe del Seminário sobre problemas de urbanización em América Latina. Santiago, 1959, pp. 85-99

13ª sessão (6ª feira, 19/06/2020): A colonialidade e o pensamento sobre a questão de gênero

Desenvolvimento da noção de colonialidade de gênero. As contribuições de Segato e de Lugones para a descolonização do gênero. As formulações do “locus fraturado” e de uma pedagogia decolonial. A imersão de Segato no universo religioso do Xangô no Recife como um exercício de interpretação decolonial.

**Leituras obrigatórias**

Segato, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. In: e-cadernos ces, 18 (2012), Epistemologias feministas: ao encontro da crítica radical; pp.105-131 < 26p.>

Segato, Rita Laura. “Inventando a natureza. Familia, sexo e gênero no Xangô do Recife”. In: Santos e Daimones. O Politeísmo Afro-Brasileiro e a Tradição Arquetipal. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1995, pp. 11-54. <43p.>

Lugones, Maria. Rumo a um feminismo descolonial. In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, 22(3), 320, setembro-dezembro, 2014. pp.935-952. < 17p.>

Lugones, Maria. “Mujeres blancas buscando salvar a mujeres color café”. Desigualdad, colonialismo jurídico y feminismo postcolonial. In: Andamios, Vol.8, nº 17, sept-diciembre 2011, pp.61-89. < 28p.>

Karina Bidaseca • Escritos en los cuerpos racializados. Lenguas, memoria y genealogías (pos)coloniales del feminicidio en América Latina; Asociación Latinoamericana de Sociología; Controversias y Concurrencias Latinoamericanas; 6; 9; 4-2014; pp.41-66 < 25p.>

Gonzalez, Lélia. “Racismo e sexismo na cultura brasileira”. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, pp.223-244. <21p>

**Leituras recomendadas**

Mahmood, Saba . “Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egipto”. In: *Etnográfica*, vol. x, nº 1, maio, Lisboa, Centro de Estudos de Antropologia Social (ceas)­Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (iscte), 2006, pp. 121­158 . < 37p.>

Abu-Lughod, Lila. As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação? Reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus Outros. In: *Estudos Feministas* , Florianópolis, 20 (2),:251, maio-agosto, 2012, p. 451-470 . < 19p >

Patricia Hill Collins. “Se perdeu na tradução: feminismo negro, inetrseccionalidade e política emancipatória. In: Parágrafo, jan/jun. 2017, V,5, n.1, pp.6-17 <11p.>

14ª sessão (6ª feira, 26/06/2020): Cidades e urbanismos periféricos (ou do Sul)

Desde o início dos anos 2000, estudos sobre cidades africanas e asiáticas têm provocado de maneira propositiva, e sob uma perspectiva pós-colonial e pós-estruturalista, uma mudança no centro de gravidade epistemológico de análises mais tradicionais, distópicas e catastrofistas, das outrora cidades do terceiro mundo. Essa sessão propõe que nos aproximemos desses estudos, para uma reflexão relacional que nos ajude a pensar a cidade brasileira, latino-americana e outros urbanismos periféricos.

**Leituras obrigatórias**

Simone, AbdouMaliq. For the City Yet to Come: Remaking Urban Life in Africa. Centre of Contemporary Culture of Barcelona 2003 Conference lectured at the cycle “Mapping Africa”. CCCB, 17 February 2003.

Pieterse, Edgar. Grasping the unknowable: coming to grips with African urbanisms, Social Dynamics: A journal of African studies, 37:1, 5-23, 2011.

Myers, Garth. African Cities: Alternative visions of urban theory and practice. London: Zed Books, 2011. Chapter one: What if the Postmetropolis is Lusaka? (p. 21-42)

Goh, Daniel PS. “Singapore, the State, and Decolonial Spatiality.” Cultural Dynamics, vol. 27, no. 2, pp. 215–226, 2015.

Patel, S. A Decolonial Lens on Cities and Urbanisms: Reflections on the System of Petty Production in India. Asia Research Institute, Working Paper Series No. 245, 2016.

Bhan, Gautam. “Notes on a Southern Urban Practice.” Environment and Urbanization, vol. 31, no. 2, pp. 639–654, 2019.

**Leituras recomendadas**

Mbembe, A. and S. Nuttall (2004) Writing the world from an African metropolis. Public Culture 16.3, 347–72, 2004.

Robinson, Jennifer. Ordinary Cities: Between Modernity and Development. London: Routledge, 2006 (Intro, Chapters 4 and 5)

Roy, Ananya. ‘Slumdog Cities: Rethinking Subaltern Urbanism’, International Journal of Urban and Regional Research, 35, 223–38, 2011.

Parnell, S., & Pieterse, E. Translational Global Praxis: Rethinking Methods and Modes of African Urban Research. International Journal of Urban and Regional Research, 40(1), 236-246, 2015

Simone, A. Urbanity and Generic Blackness. Theory, Culture & Society, 33(7–8), 183-203, 2016.

15ª sessão (6ª feira, 03/07/2020): O que o pensamento crítico decolonial tem a contribuir para um pensamento urbano na periferia e no centro?

Debate final e avaliação do curso.